

## *O FRANCÊS NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO*

CONTRIBUIÇÃO DE *MARIA DO NASCIMENTO OLIVEIRA CARNEIRO*

Universidade do Porto

A criação da área de estudos franceses na Universidade do Porto está intimamente ligada à restauração da Faculdade de Letras no ano de 1969. Nesta data surgia o curso de Filologia Românica procedendo-se três anos mais tarde à implantação da Filologia Germânica.

Muito sumariamente lembro que o ensino do francês estava, até há bem pouco tempo, articulado à componente de Português. Tal situação só viria a modificar-se com a entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 53/78 de 31 de Maio. Com o intuito de favorecer a interdisciplinaridade das licenciaturas o referido decreto institucionalizava o curso de Línguas e Literaturas Modernas, nas suas diversas variantes, possibilitando doravante ao discente a combinação de idiomas até então incompatíveis (Francês com Inglês ou Alemão). A atenção que, no sistema educativo, se vinha dando às línguas, reflectir-se-ia no próprio aumento da carga horária. O estudante passou a ser obrigado, ao longo da sua formação, a ter de assistir em cada ano lectivo a 6 horas de aulas por semana (com excepção do 4.º ano que, dada a sua especificidade, se quedaria pelas 4 horas semanais). Tanto bastaria para se avaliar a preponderância das línguas estrangeiras nas diversas componentes do curso de Línguas e Literaturas Modernas, seja na preparação de futuros professores, seja na tradução ou ainda na formação dos alunos integrados no Ramo Científico.

Para além disso, o ensino da língua francesa, como aliás da sua congénere inglesa, alargar-se-ia a outros *curricula* da Faculdade de Letras mais precisamente aos cursos de Estudos Portugueses e de Sociologia. Estas áreas permitiam igualmente inscrições a alunos de Geografia e de História. Todos estes aprendentes apostavam no uso da língua como «instrumento de trabalho». As necessidades linguísticas decorrentes deste tipo de aluno passaram a exigir do docente, a quem era confiada tal tarefa, um ensino mais em sintonia com as reais motivações e interesses dos destinatários.

Por outro lado, e no âmbito da representatividade do francês, não será despropositado convocar para aqui a questão que se prende com a presença da língua em disciplinas quer de Literatura, quer de Cultura que, embora não tenham por vocação prioritária ensinar o idioma (como vice-versa as aulas de língua não deverão ter por objectivo ensinar literatura), actuam ao longo do percurso de investigação e de aquisições da linguagem, como suportes no desempenho linguístico dos aprendentes. Na verdade, com um elenco de três cadeiras de Literatura Francesa e várias outras de Cultura, os alunos poderão conseguir resultados mais satisfatórios na aprendizagem e no domínio da língua.

O ensino do francês aparece, desta forma, em posição destacada na Faculdade de Letras do Porto — destaque esse que se torna mais sensível quando recorremos a estatísticas ou percentagens numéricas. De facto, ao fazermos o levantamento dos últimos 5 anos (1990-1995), notámos

um efectivo crescimento de alunos na área do francês, resultado este que, à primeira vista, contraria as visões mais pessimistas daqueles que têm vindo a alertar para a agonia ou até para a morte certa do ensino da língua francesa.

Nesta ordem de ideias, e tendo em linha de conta o número de inscrições nas diversas variantes do curso de Línguas e Literaturas Modernas e onde estão, naturalmente, representados os estagiários, constatámos os resultados seguintes:

Em 1990 o número total de inscritos era de **669**, repartidos do seguinte modo:

Francês-Alemão = 36

Francês-Inglês = 173

Francês-Português = 460

Em 1991 o número total de inscritos elevar-se-ia para **721**. Tínhamos:

Francês-Alemão = 49

Francês-Inglês = 191

Francês-Português = 481

Chamaria a atenção para o crescimento de alunos em todas as variantes.

Em 1992 o número de estudantes subiria, uma vez mais, e atingiria os **769**:

Francês-Alemão = 50

Francês-Inglês = 222

Francês-Português = 497

Note-se que o crescimento é de regra em todas as variantes muito embora seja no Francês-Inglês que a progressão é mais acentuada.

No ano seguinte, ou seja em 1993, o número de inscritos continuaria a subir. Dos 769 do ano precedente passaríamos para **844**:

Francês-Alemão = 57

Francês-Inglês = 242

Francês-Português = 545

Saliente-se que desta vez o aumento em Francês se dá sobretudo graças à variante Francês-Português.

No ano de 1994 a subida é menos acentuada, quedando-se num total de **845** (apenas mais um do que no ano precedente):

Francês-Alemão = 60

Francês-Inglês = 258

Francês-Português = 536

Pela primeira vez há um ligeiro abaixamento no número de inscritos em Francês-Português.

Finalmente, em 1995 o número de estudantes desceria ligeiramente mas, a meu ver, o resultado não é significativo. Temos, assim, **841** inscrições.

Francês-Alemão = 59

Francês-Inglês = 251

Francês-Português = 531

Mas no âmbito do estudo do francês deveremos ainda somar a estes números os estudantes que optaram por aprender a língua enquanto «instrumento de trabalho» na variante de Estudos Portugueses e do curso de Sociologia. A percentagem aponta actualmente para os 80 alunos. Se aos totais de 1995 somarmos os alunos dos cursos referidos teremos, na actualidade, cerca de 920 inscrições na área dos estudos franceses da Faculdade de Letras do Porto.

A partir dos dados aqui apresentados podemos, neste momento, tirar algumas conclusões mas que entretanto já foram tornadas sensíveis ao longo da exposição:

- 1.º uma subida progressiva do número de estudantes tendo o francês como base da sua formação e susceptível de se adequar a objectivos profissionais específicos (recordemos que de 1990 até 1995 houve um incremento de 182 estudantes).
- 2.º a partir de 1993 dá-se uma certa estabilização numérica (844-854-851).
- 3.º desde 1994 o tradicional aumento de alunos na variante Português-Francês não se verifica, como vinha sendo de regra no passado.

Com base nesta proporção numérica poderíamos cair na tentação de nos orientarmos para uma visão triunfalista do futuro do francês no contexto universitário, visto que, dos cerca de 80 alunos que há 25 anos elegeram o francês como língua prioritária, se passou para um quantitativo que ronda hoje as nove centenas. Mas, as Faculdades não são ilhas isoladas e expatriadas do social, de todo um leque de problemas e de situações que do político ao social nelas interferem e lhe vão modulando o perfil.

Neste ponto, não poderemos esquecer o peso relativamente grande que nos últimos anos têm tido as políticas da educação para o ensino secundário e que, a mais ou menos curto prazo, serão, no meu entender, as grandes responsáveis pelo estrangulamento dos estudos franceses nas Faculdades portuguesas mas até — o que é grave — pelo abaixamento do nível de exigência nos exames de acesso às universidades, bem como na preparação dos futuros professores neste domínio. De facto, o ensino das línguas nas Faculdades de Letras sofre fortemente o influxo do ensino secundário e hoje o papel da língua francesa nesses estabelecimentos é, indiscutivelmente, de apagamento dado o desprestígio consignado, não só em termos curriculares — que a vai relegando para um segundo ou terceiro plano — mas também porque há, em muitos casos, por parte dos órgãos dirigentes dessas instituições do ensino secundário, uma manifesta falta de encorajamento para incrementar e sensibilizar a juventude para a conveniência de uma tal aprendizagem para, em suma, o estudo de mais uma língua estrangeira no quadro de uma comunidade que pretende pautar-se pelo plurilinguismo. Esta situação decorre da desastrosa reforma de 1986 para o ensino secundário que tende a esvaziar das salas de aulas potenciais candidatos ao ensino da língua francesa.

Mas, neste quadro, uma questão surge também naturalmente: Como explicar que a área de estudos franceses nesta Faculdade (e apesar do clima adverso que salientámos), continue em plena pujança parecendo, à primeira vista, não se ressentir do esvaziamento de alunos ao nível do secundário?

A resposta a esta pergunta tem, no meu entender, a ver com o tempo que decorre entre a aplicação da reforma neste sector de ensino e os efeitos produzidos. Efectivamente, se repararmos bem, 9 anos medeiam entre 1986 e 1995 e se se atender que o percurso normal de um estudante do secundário é actualmente de 8 anos isso significa que só a partir de agora se poderão começar a fazer sentir no ensino superior os nocivos efeitos da reforma curricular de 1986. Mas é mesmo

muito provável que nos próximos anos esta experiência pedagógica continue a ter um muito baixo (ou mesmo nulo efeito) nas nossas Faculdades se tivermos em consideração dois factores:

- em primeiro lugar, o inegável enraizamento da França na nossa história cultural recente ou no passado próximo.
- e, em segundo lugar, o facto de que toda a reforma necessita de esvaziar e de romper com o sistema anterior e de que ela carece, ao mesmo tempo, de um certo tempo de adaptação para que os resultados possam aparecer à luz do dia.

A análise dos elementos acima expostos, bem como a situação decorrente da inegável propensão dos estudantes da Faculdade de Letras para enveredarem pelo Ramo Educacional em detrimento de outras vias, sugerem-me algumas observações finais.

Convém saber, se a primeira vocação das Faculdades de Letras será tão somente, nos tempos que correm, de conduzir a maioria dos seus estudantes para o exercício quase exclusivo do professorado ou se, no caso mais específico do ensino da língua francesa, não lhes cabe despertar novos interesses, investir na sua expansão e diversificação possibilitando a «outros» destinatários a satisfação das suas necessidades comunicativas. Para além de cumprirem a sua tradicional vocação científica e de consciência teórica as Faculdades de Letras (e em especial o âmbito dos estudos franceses) não deveriam dispensar também uma visão mais pragmática assumindo, para tal, o ensino das línguas não como uma mera conquista de graus ou diplomas mas como complemento indispensável a outras formações académicas. Neste campo há, no meu entender, um esforço a fazer, no sentido de se abrir o ensino do francês a alunos de outras instituições universitárias, a futuros profissionais que necessitem deste idioma como complemento da sua formação e das suas actividades futuras. A perda da hegemonia do francês terá, desta forma, de assentar em propostas inovadoras e em princípios mais flexíveis com conteúdos e objectivos bem definidos a fim de ser contrariada a sua anunciada decadência. No entanto, neste processo dinâmico que é urgente imprimir ao estudo da língua francesa, terão responsabilidade acrescida os agentes principais que nesta instituição estão incumbidos de divulgá-la, com eficácia e criatividade. Refiro-me mais concretamente aos leitores. A eles serão pedidos cada vez mais empenho e dedicação num processo de cujo êxito dependerá também o seu futuro profissional. Só uma responsabilidade e uma competência acrescidas no âmbito da aprendizagem das línguas (o que, em alguns casos, poderá passar, a nível curricular do docente, por uma especialização em vez de uma inespecífica formação em Letras) se poderá responder aos crescentes desafios que neste momento são colocados à secção de estudos franceses. É necessário que os docentes, aos quais incumbe ensinar línguas, tomem plena consciência de que não basta cumprir horários mas que a sua missão assenta igualmente numa maior participação a nível dos estudos franceses e das actividades que vão sendo introduzidas ao longo do ano escolar e que, por razões de dificuldades de integração ou de motivos que nos escapam, alguns andam arredados.

É tempo, pois, de todos, num esforço conjunto, trabalharmos para rapidamente se ultrapassar o clima fatalista que, no presente, atinge a língua francesa. Obviamente isso só será possível adequando a qualidade ao interesse e objectivos dos nossos estudantes.